

Resenha

PAVIANI, Jayme. *Filosofia, Ética e Educação: de Platão a Merleau-Ponty*. Caxias do Sul: EDUCS, 2010. 128 p.

Filosofia, ética e educação: de Platão a Merleau-Ponty

Carlos Roberto Sabbi¹

Nas dobras do tempo, tal qual um legítimo *pontifex*², Jayme Paviani liga mais de dois mil e trezentos anos entre um dos expoentes da filosofia, senão o maior – Platão – e o filósofo fenomenólogo francês Merleau-Ponty, na sua obra *Filosofia, Ética e Educação: de Platão a Merleau-Ponty* (Caxias do Sul: EDUCS, 2010, 128 páginas). O primeiro representando sua Academia, criada por ele próprio, em 387 a.C., num olival situado no subúrbio de Atenas, enquanto o segundo, em 1952, ganhou a cadeira de filosofia no *Collège de France*. De 1945 a 1952, Merleau-Ponty foi coeditor (com Jean-Paul Sartre) da revista *Les Temps Modernes*.

Paviani inicia a apresentação, desta sua jornada, com a *paideia* grega, destacando a imensa dificuldade de análise e de interpretação do próprio conceito e trazendo uma perspectiva da educação atual. Ainda sobre o problema de decifrar o conjunto de lógicas mais adequadas ao que realmente significou a *paideia*, o autor salienta estarmos diante de um enigma que supera o método empírico, exigindo de todos reflexão e coragem para interpretar. Além disso, demonstra que não é suficiente o que a Antiguidade legou para a educação escolar e para o engatinhar da ciência e da pedagogia, pois até chegar à era do pensamento digital uma quantidade sem fim de experiências se sucederam.

O que Paviani nos traz nesta sua obra demonstra boa parte da imensa riqueza de tudo o que já se produziu em termos de educação, e nela se insere uma fonte imensa de possibilidades para ampliar a Ética. Em outras palavras: a necessária busca do equilíbrio através da educação, compreendendo a necessidade do cuidar de si e do cuidar da própria organização social.

O cuidado de si é um argumento que Paviani apresenta de tal forma que conduz, inevitavelmente, o leitor a uma reflexão profunda e construtiva, sob a ótica do desenvolvimento perceptivo e educativo do ser, do sujeito e do cidadão. Traz uma ampla

¹ Mestrando em Educação pela UCS e professor da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: crsabbi@gmail.com

² Designação aos antigos construtores de pontes na França.

fundamentação em Foucault, que, por si só, convenhamos, é uma garantia de lucidez e profundidade filosófica.

O sentido do enunciado oracular: “Conhece-te a ti mesmo”, no qual se percebe uma possível simplificação no decorrer histórico, tem o significado de conhecer a própria alma, que significa o ser verdadeiramente, na opinião de Robinson (130e), (2007, p. 45). Muito embora Alcebiades tivesse recebido apenas alguma formação relativa às letras, à música e à ginástica, seu desejo era de aconselhar os atenienses sobre a guerra e a paz, a construção, a engenharia e a arte de governar. Platão indica a necessidade do conhecimento dialético da natureza do justo e do injusto, trazendo à tona os planos ontológicos e éticos, ou seja, o valor da linguagem e do comportamento.

Retrata-se a paixão de Foucault da noção do cuidado de si, o qual elucida em três ambientes: um modo de estar no mundo; um modo de olhar e de perceber; e um modo de agir. Paviani destaca, porém, que o cuidar de si não é somente uma atitude de espírito e, sim, um exercício e um treinamento. Lembra, outrossim, Platão, que imagina condições práticas e eternas que possibilitam ao homem alcançar o bem. Tem-se com essas duas questões luzes para a virtude.

Embutido na racionalidade histórica surge o pensamento filosófico, mas é ainda em Platão que se procura entender as grandes questões da atualidade. A compreensão da finalidade da arte e da natureza, do ético e do estético, assumem perspectivas distintas nesses dois momentos históricos.

Paviani aborda a descrição platônica do perfil sócio-psicológico do homem tirânico, desde a sua transformação de democrático em homem tirânico até à sua essência tirânica, a partir de sua gênese democrática. Questões estruturais da formação do ser, precariamente estudadas até os dias de hoje.

A obra faz referência às críticas de Platão ao início do que hoje chamamos organização social e isso pode remeter o leitor à reflexão e à conclusão de que falta um caminho imenso a percorrer. A propósito, por que será que tanto tempo passou, tantos progressos extraordinários em várias áreas se sucederam e ainda temos tantas dificuldades de nos organizarmos socialmente?

Um dos aspectos mais interessantes que o leitor encontrará será a abordagem dos argumentos platônicos, colocando em questão o possível alcance do bem e da verdade na *polis*. Tais pontos remetem à ética, a qual, por sua vez, tem por objetivo a felicidade. Sendo

assim, a significância dessa sagacidade de enfoque é filosófica por natureza, mas, acima de tudo, misteriosa, pelo enigma da existência de tantas dificuldades de lucidez e o próprio comportamento do ser. Pode-se sintetizá-la numa única e fatal questão: por que o homem ignora os caminhos verdadeiros que o conduziriam para mais próximo da felicidade?

Cita-se que o homem tirânico é o que “vive em festas, orgias, festins, com concubinas e todos os gozos, conforme o *Eros* que governa sua alma” (p. 3). Essa visão platônica é amplamente compreendida e aceita até os dias de hoje, sem a menor sombra de dúvida. Isso poderia até passar despercebido em termos de significado e de importância, pois o leitor desatento poderia ligar a tirania aos tempos de outrora, longe da realidade atual, já que o termo tirânico remete a uma era distante no passado. Porém, vive-se, mais do que nunca, um tempo em que o predicado é o de que se deve gozar a todo o momento. Vive-se a era do gozo pleno, absoluto e inquestionável. Tudo é permitido e aceito pelas sociedades. Uma das raras, senão a única exceção, é a pedofilia, por enquanto. A responsabilidade e o dever estão claramente relegados a um segundo plano. Pior do que estas constatações é o fato de que essa realidade está mais presente no comportamento dos jovens.

Sendo assim, não estamos em pleno momento do homem tirânico no século XXI? E a tirania não está intimamente ligada à infelicidade? Uma boa conclusão: estamos na contramão do que tanto almejamos, ou seja, a própria felicidade.

Destaca-se, ainda, a observação platônica de que o homem moralmente superior deverá governar os inferiores. Infelizmente, não é raro, quem governa é o homem mais sutil, hábil e efetivo na busca do poder. As consequências estão nos desastres nas aplicações de políticas voltadas aos interesses de poucos em detrimento da maioria; outras vezes direcionadas ao lucro em detrimento dos interesses e necessidades humanas, como a educação, a segurança e a saúde.

Em a gênese da injustiça e a degeneração da *polis*, Paviani lembra que a injustiça sempre traz menos felicidade que a justiça, quer seja em relação aos indivíduos, quanto à própria organização da *polis*. Platão afirma que o mais justo e feliz é o homem melhor (580c). A posição de Platão não deixa dúvidas que um governo régio é o melhor. O modelo tirânico é o pior e na realidade o povo é mais feliz (576d, e).

Em a função educativa da dança, é oportuna e atual a referência a Platão, em *As leis*, livro II, como sendo um texto explícito e que se basta para o leitor do século XXI delinear a questão desde a Antiguidade aos tempos atuais. Torna-se viável a criação de um paralelo entre

as duas expectativas e avaliar a dança e sua função ética, estética, cultural e pedagógica nas suas relações com a sociedade.

Paviani diz ser do ser humano, da cultura e da sociedade a criação de novas formas de expressão e de comunicação, sem deixar de respeitar e recriar as formas tradicionais. A busca do desenvolvimento de todas as potencialidades humanas é próprio da educação. Segundo Platão, o homem educado distingue-se do não educado por seu treinamento nos corais e nas práticas que incluem as danças e as canções.

O divino e a natureza do ser, tratados por Platão, também são trazidos à tona, remetendo-nos a um entendimento atual de aceitar o homem como fragmento de Deus ao nascer, mas que paulatinamente dele se afasta com o decorrer do tempo de sua existência. Porém, em o filósofo como homem divino, é dito que somente o filósofo se aproxima da justiça, do bem, da verdade e, por consequência, da natureza divina.

O autor traça um paralelo entre Platão, que parte de um mundo inteligível preexistente e de proposições válidas *a priori* que não podem ser negadas pela experiência, e Merleau-Ponty, que propõe a fé perceptiva como ponto de partida na compreensão do sensível. Agora já se está na abordagem da filosofia em seus extremos.

Essa comparação ou confronto entre os dois autores pesquisados por Paviani acontece propositadamente para elucidar aspectos pensados por cada um, que vão dos poucos similares aos distintos. Merleau-Ponty foi um pensador moderno importante pela contribuição ao estudo do mecanismo psicológico, em que se baseiam o conhecimento e a prática científica. Checar a essência desse filósofo moderno, falecido em 1961, com 53 anos de idade, remete o leitor a uma indubitável viagem à reflexão metafísica. A propósito, a obra não somente destaca a existência de diferentes significados, mas seu autor apresenta a sua definição de uma forma complexa em seu sentido, porém clara no entendimento. Aliás, a sua conclusão de que o pensamento metafísico separa o mundo inteligível do mundo sensível produz uma elucidação extremamente clara, até mesmo aos menos iniciados em filosofia. Talvez se possa afirmar que nessa frase está exposto, como um símbolo, a inspiração que a obra procura produzir no leitor. Não se confunda isso com elogio, pois pela precariedade do hábito pela leitura, notadamente em nosso país, essa passa a ser uma condição básica para uma obra produzir efeito.

Platão foi um dos primeiros que distinguiu o mundo sensível do inteligível, sendo que a ciência de hoje supera em grande parte muitos problemas metafísicos. O ser, para Platão,

antecede ao entendimento e a reflexão do mundo, enquanto que Merleau-Ponty afirma que o mundo é o que vemos e que deveremos aprender a vê-lo. Para Merleau-Ponty, a filosofia não pode suspender a reflexão, mas é preciso repensar as suas origens e exige uma radical predominância da interrogação. Assim, o leitor se depara com duas ontologias, a do inteligível e a do sensível, o que refletirá nos modos de entender a realidade, o conhecimento e a linguagem.

Por fim, o leitor encontra um conteúdo imenso sobre filosofia, ética e educação abordado por Paviani, totalmente fundamentado nos mais brilhantes e importantes filósofos da história da humanidade. Leva ao conhecimento de certa forma poética, o que pode ser agradável para alguns e desnecessário para outros. Conduz ao pensar. Pensar é algo tão necessário nos tempos de hoje, quando não existe mais espaço para muita coisa e infelizmente, mesmo sendo imprescindível, tem sido relegado e desprezado. Invadir as manifestações dos sentimentos e das razões é o que se pode definir como pensamento. Um ser que produz bons sentimentos e aprofunda a sua razão numa obra como esta, certamente terá praticamente tudo para caminhar em direção à luz.